

Impacto da Pandemia Covid-19 nas Experiências dos Estudantes do Ensino Superior: Um Estudo Qualitativo em Contexto Angolano

Alcino Chimuco Miguel ¹ & Eugénia Ribeiro ²

¹ Instituto Superior de Ciências da Educação do Huambo/Angola (ISCED-Huambo)

² Universidade do Minho – Escola de Psicologia

Resumo: Os efeitos psicológicos da pandemia Covid-19 nos estudantes do Ensino Superior (ES) têm sido associados a condições relacionadas com o desenvolvimento do jovem adulto e com as alterações nas práticas e dinâmicas académicas. O impacto destas condições raramente é contextualizado no conhecimento cultural das populações estudadas. Este estudo teve como objetivo compreender a perceção dos estudantes angolanos sobre as suas experiências académicas durante a pandemia Covid-19. A recolha de dados foi realizada através de questionário aberto, administrado via internet. Foi realizada uma análise temática das respostas dos estudantes que permitiu identificar 3 temas centrais: Experiência académica difícil de perda e de ameaça, Preocupações e dificuldades específicas para além da vida académica e Recursos para enfrentar o período de confinamento. Os resultados do estudo são discutidos considerando a sua congruência com os resultados de outros estudos similares e contextualizando a especificidade dos subtemas emergentes em dimensões da cultura angolana.

Palavras-chave: *Pandemia Covid-19; Ensino Superior; Experiência dos Estudantes; Angola.*

Impact of the COVID-19 Pandemic on the Experiences of Higher Education Students: A Qualitative Study in the Angolan Context: The psychological effects of the COVID-19 pandemic on higher education (HE) students have been linked to young adult development and to changes in academic practices and dynamics. The impact of these conditions is rarely contextualized within the cultural knowledge of the populations being studied. This study aimed to understand the perceptions of Angolan students regarding their academic experiences during the COVID-19 pandemic. Data were collected through an open-ended questionnaire administered online. A thematic analysis of students' responses was conducted, which identified three central themes: The difficult academic experience of loss and threat, Specific concerns and challenges beyond academic life, and Resources for coping during the confinement period. The study's findings are discussed in light of their alignment with the results of similar research and through contextualization of the specific emerging subthemes within dimensions of Angolan culture.

Keywords: *COVID-19 Pandemic; Higher Education; Student Experience; Angola.*

A pandemia Covid-19 que teve início nos finais de 2019, na China, na província de Hubei, e em pouco tempo espalhou-se por todo o mundo, o que levou a Organização Mundial de Saúde (OMS) a decretar, em março de 2020, um estado de pandemia. Em Angola, os primeiros casos foram identificados em abril de 2020. Esta pandemia tem causado mudanças consideráveis no funcionamento da sociedade, resultantes das medidas tomadas para se conter a propagação da doença, com impacto ao nível da saúde, da economia e da educação (Ferreira et al., 2020). Em Angola, estas medidas incluíram a limitação da circulação das pessoas em todo o país, o encerramento de todos os estabelecimentos comerciais, incluindo os mercados informais, o encerramento de todos os estabelecimentos de ensino, confinamento físico e social.

Estudos realizados em vários países, no contexto das instituições de Ensino Superior (ES), relatam alterações substanciais no processo de ensino-aprendizagem, como consequência das medidas tomadas para se conter a propagação da doença (Aristovnick et al., 2020; Ferreira et al., 2020, Gudim et al., 2021). O ES em Angola não foi exceção, sendo as medidas implementadas similares às conhecidas em outros países. No entanto, até à data de realização do presente estudo não era conhecido nenhum estudo sobre o efeito da pandemia nos estudantes do ES angolano. A ideia do presente estudo surgiu do reconhecimento das implicações que a paralisação das atividades letivas, devido à Covid-19, teria na vida pessoal e académica dos estudantes angolanos e da necessidade de as compreender na perspetiva dos próprios estudantes. Embora a literatura sobre os efeitos do confinamento físico e isolamento social dos estudantes do ES na

¹ E-mail: alcinomiguel@yahoo.com.br

sua saúde mental seja relativamente vasta, a maioria dos estudos conhecidos são de natureza quantitativa (Phiriepa et al., 2023) e poucos se referem ao enquadramento cultural das experiências dos estudantes. O presente estudo procurou responder a esta falha na literatura, colocando como objetivo principal compreender a perceção dos estudantes angolanos sobre a sua experiência das alterações gerais de vida provocadas pela pandemia e em particular das de natureza académica. Além disso procurámos entender as perspetivas dos estudantes, enquadrando-as na cultura angolana em geral e nas especificidades da região onde os participantes vivem (centro-sul de Angola). Por outro lado, sendo este o primeiro estudo de natureza qualitativa sobre os efeitos da pandemia nos estudantes do ES angolano, na região académica centro-sul do país, trata-se de um estudo inovador, com implicações práticas para o contexto angolano, numa cidade culturalmente conhecida como cidade académica, pela existência de um elevado número de estudantes universitários (17637 matriculados, segundo o anuário do ES de Angola em 2019) e maior número de IES públicas, depois da cidade de Luanda.

Impacto da pandemia Covid-19 nas experiências dos estudantes do ensino superior

Os vários estudos de investigação realizados a propósito do impacto da pandemia Covid-19, em diversas áreas da vida, sugerem que algumas medidas de controlo e prevenção implementadas durante a pandemia, embora necessárias, resultaram numa interrupção significativa de várias atividades da vida humana (e.g., Irawan et al., 2020). Se, por um lado, não há dúvidas que as medidas preventivas da infeção foram importantes para conter a pandemia, por outro lado, também parece ser consensual que podem ter gerado experiências difíceis de suportar em termos pessoais, familiares, sociais e financeiros (Ribeiro et al., 2020).

No caso dos jovens adultos e em particular os estudantes do ES, sabe-se que as medidas de proteção, em especial o confinamento físico e conseqüente isolamento social, podem ter interferido com tarefas de desenvolvimento psicológico e com tarefas académicas típicas dos estudantes do ES. Em geral, os estudantes do ES, serem jovens adultos, não são considerados um grupo de risco para o desenvolvimento de problemas de saúde física como conseqüência da infeção por Covid-19 (Ihm et al., 2021), mas são considerados um grupo de risco para problemas de saúde mental (Duffy et al., 2019; Morales & Lopez, 2020). Devido a diferentes condições relacionadas com as alterações de vida em fase de pandemia, em particular a vida sociofamiliar e académica, os estudantes do ES podem ter experienciado um agravamento deste risco, pelo desequilíbrio ou mesmo a inibição de alguns dos fatores protetores da sua saúde mental, como por exemplo a restrição no suporte social percebido (Gundim, 2021; Maia & Dias, 2020; Pereira et al., 2020). Os estudantes do ES entre os 18 e os 30 anos de idade têm sido referidos como apresentando pior saúde mental em fase de pandemia (e.g., Li et al., 2020) e os relatos de um aumento da prevalência de perturbações emocionais (depressão e ansiedade) em fase de pandemia nesta população tendem a ser consistentes (e.g., Ihm et al., 2021; Maia & Dias, 2020; Ochnick et al., 2021). Assim, o aumento da prevalência de problemas de saúde mental em estudantes do ES é um claro indicador do efeito da pandemia no bem-estar e qualidade de vida deste grupo específico e alerta para a necessidade de o compreendermos em profundidade.

Em 2020, a declaração de estado de pandemia, associada ao desconhecimento sobre os efeitos da infeção e das medidas de proteção mais eficazes, precipitou experiências de sofrimento psicológico, em particular em pessoas com vulnerabilidade psicológica face à incerteza e imprevisibilidade da realidade (Ribeiro et al., 2021). O conhecimento progressivo da doença e das medidas de proteção adequadas permitiu que, para a maioria das pessoas, o sofrimento psicológico fosse temporário e paulatinamente as pessoas fossem mobilizando recursos para um melhor ajustamento às circunstâncias em que se viveu a pandemia. No entanto, os efeitos a médio e longo prazo da pandemia Covid-19 são ainda pouco conhecidos e importa continuar a investigá-los, em especial em grupos específicos, como o são os estudantes do ES.

Vários autores têm defendido que na população estudantil, em particular, o tempo de confinamento não é indiferente para o grau de impacto na sua saúde mental (Gundim et al., 2021; Ihm et al., 2021; Irawan, 2020). Gundim et al. (2021) afirmaram que o impacto do confinamento se repercutirá nos estudantes do ES, de forma geral, por muito mais tempo, mesmo depois de se considerar que a pandemia está controlada.

Desde o início da pandemia têm sido desenvolvidos vários estudos com o objetivo de estudar o seu impacto na vida dos estudantes do ES. As atividades académicas incluem-se entre as que ficaram afetadas pelas medidas de proteção, nomeadamente o confinamento obrigatório e o uso de máscaras durante as aulas (Oliveira et al., 2022). Os resultados dos vários estudos tendem a ser congruentes no sentido de identificarem impactos negativos nas atividades de natureza académica e na vida pessoal e social dos estudantes (Ferrinho, 2020; Morales & Lopez, 2020). Variáveis de natureza social e académica, como o isolamento social decorrente das medidas de proteção, a falta de informações claras por parte das autoridades sanitárias sobre a pandemia Covid-19, as mudanças repentinas na rotina diária dos estudantes, a perda de produtividade académica, as preocupações com o futuro, têm sido consideradas fontes de

stresse e responsáveis pelo aumento de sentimentos de solidão, desesperança, e ansiedade nos estudantes universitários, considerando amostras com diferentes faixas etárias (e.g., Barros et al., 2021).

Os efeitos da pandemia nos estudantes do ES têm sido estudados por autores de diversas partes do mundo, desde a Ásia (e.g., Li et al., 2020), Europa (e.g., Maia & Dias, 2020), América do Norte (e.g., Hamlin & Barney 2022), América do Sul (e.g., Gundin et al., 2021) e África (e.g., Bantjes et al., 2023). No entanto, tanto quanto é do nosso conhecimento, apenas dois estudos foram realizados em Angola com esse objetivo (Morales & Lopes, 2020; Ventura & Araújo, 2022). O estudo de Morales e Lopes (2020), sendo de natureza qualitativa, foi realizado com uma amostra bastante reduzida de apenas 15 participantes, apresentando em nosso entender limitações relacionadas com a metodologia e com a contextualização cultural do estudo. O estudo de Ventura e Araújo (2022) é um estudo quantitativo, que comparou a relação entre variáveis sociodemográficas e os sentimentos durante a pandemia num grupo de estudantes e um grupo de profissionais de saúde. Este estudo apresenta resultados interessantes relativamente ao comportamento dos estudantes, mas a sua natureza descritiva apresenta limitações na compreensão cultural desses comportamentos (e.g., menor responsabilidade social face ao risco de Covid-19 por parte dos participantes masculinos). Embora com um âmbito distinto, consideramos importante referir um outro estudo realizado em Angola, que consistiu numa avaliação dos impactos socioeconómicos das medidas do executivo angolano para o combate à Covid-19 (Boio et al, 2020) que, não sendo um estudo específico com estudantes do ES, apresenta informações úteis para contextualizar a população à qual pertencem os estudantes que participaram no nosso estudo, como descreveremos mais abaixo. Por exemplo, este estudo mostrou que mais de 61% da população do Huambo acompanhou com atenção a informação sobre a Covid-19, no entanto a maioria da população não encarava os riscos da doença com a seriedade devida, de forma similar ao que acontecia com a população de Luanda e de Benguela.

Importa, pois, compreender em profundidade os fatores que durante a pandemia, colocaram em risco a saúde mental dos estudantes angolanos e como estes os experienciaram. Este conhecimento é crucial para compreender os efeitos prolongados, definir estratégias de promoção do bem-estar e de prevenção de problemas novos ao nível da saúde mental, bem como implementar respostas remediativas de situações problemáticas já instaladas.

Confinamento, isolamento social e efeitos na saúde mental dos estudantes

Vários estudos têm relatado elevada prevalência de sintomas de sofrimento psicológico em estudantes, devido à vivência do confinamento em fase da pandemia Covid-19. Por exemplo, estudos feitos na população académica da China relataram uma prevalência elevada de sintomas de stresse, depressão, ansiedade, frustração e insónia (Li et al., 2020). Estes efeitos psicológicos, também identificados em estudos realizados em outros países, têm sido associados a diferentes fatores associados ao confinamento. Por exemplo, Aristovnick et al., (2020) e Irawan et al., (2020), verificaram que os sintomas psicológicos manifestados durante o tempo de confinamento estavam associados à perda da rotina diária habitual. Outros autores têm concluído que o confinamento e o consequente isolamento social, as mudanças na estrutura e dinâmica das atividades letivas e a interrupção ou a incerteza gerada relativamente ao futuro são fatores responsáveis pelo impacto negativo na saúde psicológica dos estudantes, manifestado através de sentimentos de tristeza, medo, opressão, tédio, frustração, ansiedade, desesperança, desamparo e raiva, além de dificuldades de concentração (e.g., Aristovnick et al., 2020; Gundim et al., 2021). Dois estudos realizados por Maia e Dias (2020) em estudantes universitários portugueses, um antes da pandemia Covid-19 e o outro no princípio da pandemia Covid-19, permitiram concluir que os estudantes no período pandémico demonstraram níveis significativamente mais elevados de depressão, ansiedade e stresse. Os mesmos autores discutiram os efeitos do confinamento e do isolamento social na manifestação de psicopatologia, concluindo que importa investigar sobre este fenómeno para que se possam perceber os mecanismos e reações psicológicas subjacentes a um período de vida tão atípico e desafiante, no contexto universitário. A falta de apoio social no processo de aprendizagem, decorrente do confinamento e isolamento social tem sido relatada como estando associada a experiências de dificuldades emocionais, por parte dos alunos (e.g. Irawan et al., 2020; Pieh et al., 2020).

Para além do efeito consistentemente relatado do confinamento e isolamento social na qualidade da saúde mental dos estudantes do ES, vários estudos referem, também, o impacto destas condições nas vivências académicas. Estudos feitos por Gundim et al. (2021) e por Aristovnick et al. (2020) apresentaram resultados reveladores de um sentimento de incapacidade de assimilar conteúdos académicos e dificuldades de concentração durante o isolamento social. Um estudo realizado por Oliveira et al. (2022) revelou que estudantes que se encontravam em isolamento social apresentavam preocupação com a necessidade de sair de casa e um padrão de sono alterado, com consequente prejuízo para as tarefas académicas. Morales e Lopez (2020), nas suas pesquisas na Escola Superior Pedagógica do Bengo em Angola, concluíram que o simples conhecimento da existência do surto da Covid-19, por si só, constituiu

uma experiência perturbadora com efeitos adversos sobre a saúde física e psicológica de qualquer pessoa. No caso dos estudantes do ES, os autores concluíram que, a falta do contato com os colegas gerou desânimo e diminuição no desempenho académico.

Alterações na estrutura das atividades e efeitos na saúde mental dos estudantes

Para mitigar os efeitos da paralisação das aulas e dar continuidade às atividades letivas, em vários países, as Universidades foram obrigadas a reorganizar as modalidades de ensino vigentes até à pandemia. Esta reformulação foi repentina e urgente, exigindo dos vários elementos envolvidos na gestão e na implementação do processo de ensino-aprendizagem (alunos, professores, gestores, funcionários) um esforço acrescido para aprenderem novas formas de ação e de estudo (e.g. Ferreira et al., 2020; Maia & Dias, 2020). As alternativas criadas envolveram o conhecimento e uso de tecnologias que permitissem a realização das atividades de ensino-aprendizagem em formato online. Apesar das vantagens do ensino à distância permitido pelas tecnologias, esta modalidade de ensino-aprendizagem limitava a interação física, não facilitando a interação social. As condições ou a motivação de alguns estudantes para participarem ativamente nas aulas online, ligando a sua câmara, nem sempre foram bem conseguidas, gerando insatisfação, quer em docentes quer em estudantes. A insatisfação dos estudantes com o ensino à distância foi relatada em vários estudos, que encontraram queixas sobre a sobrecarga de trabalho associada a esta modalidade de ensino, sobre as dificuldades sentidas no uso da tecnologia e sobre a ausência ou acesso limitado a dispositivos para a participação nas atividades letivas (e.g., Aristovnick et al., 2020, Irawan et al., 2020; Morales & Lopez, 2020; Phiri et al., 2023).

As pesquisas feitas por Irawan et al. (2020) e Morales e Lopez (2020), revelaram que os alunos sentiram-se cansados logo nas primeiras semanas de aulas online, devido a uma considerável ansiedade sobre os temas a estudar, sobretudo aqueles alunos cujo rendimento familiar mensal não era suficiente para manterem ativa a internet. De acordo com os resultados da pesquisa feita por Aristovnick et al. (2020), em 62 países, a falta de internet associada a falta de conhecimento e domínio da informática pela maioria dos alunos e também por parte de alguns professores não permitiu a realização das aulas online de igual modo para todos. Entretanto, a aprendizagem online exige organizar o conteúdo e os métodos de aprendizagem de acordo com o novo modo de ensino, para que os alunos não se sintam isolados e sozinhos no processo de aprendizagem (Aristovnick et al., 2020, Irawan, 2020). De acordo com os mesmos autores, a falta de autocontrolo e autodisciplina ou o ambiente de aprendizagem inadequado, evoca uma sensação de sobrecarga de trabalho e, conseqüentemente, um nível mais alto de stresse. Para Al-Tammemil (2020) e Iorio et al. (2020), a organização desta nova modalidade de ensino-aprendizagem exige uma adaptação no manuseio das ferramentas utilizadas e uma motivação para o efeito, que falha em alguns alunos e lhes causa ansiedade e stresse. Por seu lado, os alunos com altos níveis de sofrimento psicológico têm menor motivação para o estudo à distância, podendo criar-se um ciclo vicioso (Al-Tammemil et al., 2020). Além disso, outras implicações académicas do confinamento e isolamento social prolongam-se para além desse período. Segundo Rosa et al. (2021), o longo tempo que separou os alunos do contato entre si e com os professores motivou muitos deles a congelarem as suas matrículas. Aqueles alunos que não tinham bolsa de estudo, cuja sustentabilidade da sua formação dependia essencialmente dos pais ou outros familiares, receavam que a perda de rendimentos provocada pela pandemia pudesse impedir a sua permanência na vida académica (Iorio et al., 2020).

Apesar do impacto negativo que o estudo por via de internet causou em muitos estudantes, Ferrinho et al. (2020) considera que nas Universidades que já praticavam a formação à distância, este impacto não foi verificado de forma tão acentuada, na maioria dos estudantes. Por exemplo, em algumas Universidades do Reino Unido, durante a pandemia Covid-19, muitos estudantes mostraram mecanismos de confronto favoráveis, sendo que altos níveis pré-existent de autoeficácia e a prática de exercício físico mostraram ser determinantes positivos de resiliência da saúde mental dos alunos (Ihm, et. al., 2021).

Em geral, a literatura internacional sobre o impacto da pandemia no ES permite concluir que a situação de confinamento e as suas implicações ao nível da organização do ES geraram vivências académicas e pessoais negativas por parte dos estudantes e com impacto na sua saúde mental e nos seus percursos de vida.

Diversidade cultural em angola e o seu papel na resposta à doença

Angola é um país caracterizado por diversas culturas, devido à sua constituição geográfica. O povo angolano está dividido em função das línguas locais (bantus) que servem de veículo de transmissão de valores e culturas específicas. Esta diversidade cultural manifesta-se, também, nas atitudes e comportamentos face à doença e aos tratamentos. Por exemplo, perante situações de doença, as populações que se encontram nas zonas mais rurais têm recursos diferentes das populações mais urbanas. As populações mais rurais

podem recorrer a plantas medicinais (Longuenda, 2014), podem apresentar crenças relacionadas com ancestrais já falecidos, acreditando que agir de acordo com certos rituais pode ter efeitos na saúde física ou emocional. Por seu lado, embora as populações mais urbanas tenham recurso a meios médicos e a hospitais, de forma menos visível, podem usar as mesmas práticas das populações rurais, quando existe proximidade entre as suas culturas. Estas diferentes opções comportamentais face à doença e aos tratamentos estão de acordo com a perspetiva de Ramos (2007), segundo a qual, a relação do indivíduo com a saúde e a doença está dependente de uma variedade de fatores biopsicossociais e culturais. Outro aspeto cultural que nos parece importante mencionar relaciona-se com os papéis de género, em particular com a atividade do dia-a-dia da mulher. A mulher angolana, para além da provisão do lar, tem a responsabilidade completa dos cuidados do próprio lar, ou seja, prepara os alimentos, cuida da saúde dos filhos, zela pela higiene da casa (Silva & Carvalho, 2009). Apesar do estudo de Silva e Carvalho (2009) ter sido feito com mulheres da zona rural, em geral, a mulher urbana orienta-se pelo mesmo padrão cultural, mesmo quando exerce outras funções relacionadas com a vida académica ou na função pública.

Muitos dos estudantes que frequentam o ES, são oriundos quer das culturas rurais quer urbanas, sendo por isso expectável que, mesmo frequentando o ES, possam ser influenciados por valores culturais enraizados nas suas famílias de origem. Ainda que se possa antecipar algum movimento de diferenciação e autonomização de alguns dos valores culturais mais tradicionais, pode ser mais difícil aos estudantes fazê-lo em momentos de vida críticos ou em momentos de maior presença e convívio com a família, como aconteceu na altura do confinamento. Assim, é possível que os estudantes do ES tenham sido influenciados por dimensões culturais da sua família / região, tanto na perceção e aceitação da doença, como nos recursos usados para o confronto com os efeitos diretos da Covid-19, ou do impacto do confinamento. É ainda de salientar que algumas experiências culturais não são visíveis, sob pena de censura pública, mas são práticas constantes das populações angolanas. Por exemplo, durante o período da pandemia Covid-19, muitos jovens, até aos 38 anos de idade, desobedeceram ao Decreto presidencial que proibia os ajuntamentos de pessoas para se evitar a contaminação em massa. Estes jovens recorreram a idas à montanha para a prática de oração, como forma de mitigar os efeitos da pandemia Covid-19 (Jornal Angola24horas, 20 de março de 2020).

O relatório sobre avaliação dos impactos socioeconómicos das medidas do executivo angolano para o Combate à Covid-19 (Boio et al., 2020) apresenta alguns dados que são coerentes com os comportamentos mediados pela cultura, referidos acima. Em particular, os dados relacionados com a região do Huambo mostram que a população se interessava pelas informações sobre a Covid-19, afirmava confiar nas notícias televisivas, no entanto não consideravam com seriedade os riscos advindos da doença. De acordo com o mesmo relatório, durante o período da pandemia Covid-19, em comparação com outras regiões de Angola, a região do Huambo foi a que mais frequentou locais de serviço público, embora evitasse os locais com aglomerados de gente. O mesmo relatório indicou que a população ocupava o seu tempo assistindo a programas da televisão, quando estava em casa.

O presente estudo visa contribuir para a compreensão da experiência dos estudantes do ES durante a pandemia Covid-19, em particular no contexto académico, com atenção a aspetos da cultura angolana relacionados com a resposta à doença. Com esse objetivo, através de um estudo qualitativo procurámos compreender a perspetiva de estudantes angolanos, que frequentavam uma IES do Huambo (ISCED-Huambo), em relação à sua experiência de vida, em geral, e à sua experiência académica, em particular, durante a fase da pandemia Covid-19.

MÉTODO

No presente estudo procurámos responder às seguintes questões de investigação: 1) Qual é o impacto da pandemia Covid-19 percebido pelos estudantes do ES? 2) Quais são as experiências vividas pelos alunos do ES durante o período de confinamento, como medida de prevenção de Covid-19?

Participantes

Participaram neste estudo qualitativo, estudantes de todos os cursos do ISCED-Huambo, num total de 58, com idade compreendida entre 17 e 45 anos, distribuída da seguinte maneira: entre 17 e 25 anos, 42 (68,9%); entre 26 e 30 anos, 15 (24,6%), entre 31 e 40 anos, 2 (3,3%), entre 41 e 45 anos, 2 (3,3%). Destes participantes, 55% eram homens e 45% mulheres. A maioria era solteira, representando 93% e 7% casados, 75,4% estudavam no período regular e 24,6% no período pós-laboral, 52,5% ocupavam-se apenas da vida académica e 47,5% tinham estatuto de estudante trabalhador. Destaca-se que 55 (90,2%) dos participantes, viviam com os outros membros da família, 4 (6,6%) viviam sozinhos, e 2 (3,3%) viviam com os amigos.

Investigadores

A análise qualitativa dos dados foi realizada pelo primeiro autor, estudante de doutoramento da Universidade e docente do Instituto Superior de Ciências da Educação do Huambo-Angola. Os dados codificados foram auditados pela segunda autora, investigadora com conhecimento e prática na área da investigação qualitativa em psicologia e em psicoterapia.

Instrumentos

Neste estudo, usámos um questionário aberto, construído especificamente para este estudo, orientados pela revisão da literatura sobre o impacto da Covid-19 nas experiências dos estudantes, pelas questões de investigação e pelo objetivo de compreender a perspetiva dos estudantes sobre a sua experiência em fase de pandemia Covid-19. Devido às medidas de proteção impostas pela pandemia e consequente dificuldade de acesso aos estudantes, em modo presencial ou online, considerámos que o uso de um questionário com questões abertas seria mais viável do que o uso de uma entrevista. Assim, optámos por construir um questionário de cinco perguntas abertas focadas na vida académica, em particular, e na experiência pessoal, em geral. As questões incluídas foram: 1) Como descreve a sua vida académica em fase de Covid-19? 2) Se escolhesse a situação mais complicada com que teve de lidar, qual seria? Pode descrever? 3) O que tem sido mais difícil para si durante a pandemia Covid-19? 4) O que o/a tem ajudado mais a lidar com as dificuldades? 5) Imagine que daqui a alguns anos, irá contar a história da sua experiência na pandemia Covid-19, o que acha que irá contar? Os estudantes eram incentivados a responder a estas questões, expressando a sua perspetiva, com o detalhe que considerassem adequado e sem julgamento.

Procedimento

Depois da elaboração do questionário, solicitámos a autorização do Conselho Científico da instituição onde decorreu o estudo para aplicação do instrumento. Após a autorização, foi feita a recolha de endereços eletrónicos dos estudantes do ISCED-Huambo através da base de dados da instituição e de grupos de redes sociais das turmas via whatsapp e facebook, fornecidos quer por docentes quer por estudantes, associados a esses grupos. Usando o aplicativo Google Forms, foi enviado o questionário a 130 estudantes, cujo endereço estava disponível. Os estudantes foram convidados a participar, assinando um consentimento informado que esclarecia sobre os objetivos e contexto da realização do estudo, garantindo a confidencialidade e anonimato dos dados. Apenas foram solicitados dados necessários à caracterização do grupo de participantes, não sendo pedida nenhuma informação que identificasse o participante (e.g., número de aluno ou nome). A participação foi voluntária, podendo o estudante desistir e interromper a sua resposta ao questionário, caso não se sentisse confortável. Dos estudantes contactados, 58 responderam e devolveram o questionário, correspondendo a uma taxa de resposta de 56.3%. Conhecendo o contexto, julgamos que esta taxa de resposta pode estar relacionada com dificuldades de acesso à internet por parte de alguns estudantes. Tendo por base outras investigações qualitativas com base em questionários abertos (e.g., Ribeiro et al., 2021), bem como a extensão das respostas às questões, considerámos que este número seria suficiente para atingir a saturação dos dados, e por isso, avançamos para a análise com este número de respostas. Os dados recolhidos entre os meses de agosto e outubro de 2020, foram registados e organizados numa folha de excel.

Análise de dados qualitativos

As respostas ao questionário foram analisadas de acordo com os procedimentos da análise temática descritiva (Braun & Clark, 2006). De acordo com a proposta destas autoras, a análise temática é um método para identificar, analisar e relatar padrões semânticos nos dados. Assim, no presente estudo, a análise decorreu em cinco fases diferentes, de acordo com a proposta das mesmas autoras: 1) familiarização com os dados recolhidos; 2) codificação das respostas; 3) recodificação (refinamento dos códigos); 4) criação de temas provisórios; 5) seleção e ajustamento dos temas; 6) criação e definição de temas finais. Todas estas fases foram realizadas pelo primeiro autor, foram revistas e auditadas pela segunda autora, sendo os resultados, resultado da negociação consensual entre ambos.

De seguida descrevemos cada uma das fases e exemplificamos o processo de codificação que conduziu aos resultados. A familiarização com os dados consistiu na leitura, releitura e redação de apontamentos breves de todas as respostas aos questionários, para nos apropriarmos de uma forma geral do conteúdo dos dados brutos. Terminada esta fase, prosseguimos para a fase de codificação dos dados. A identificação dos códigos foi feita por questão, lendo e codificando as respostas de todos os participantes, seguindo um método de codificação indutiva e assumindo o texto da resposta como unidade de análise. Cada código consistiu numa ideia independente, presente nos dados. Optámos por códigos não mutuamente exclusivos, podendo uma unidade de análise dar origem a um ou mais códigos. Por exemplo, a unidade de análise – mal, pois não tenho estudado com muita frequência e sei que isso enfraquece as

minhas capacidades intelectuais (P3, H, entre 17 e 25 anos) – uma das respostas à primeira pergunta do questionário, foi codificada como: a) experiência negativa, b) menos estudo; c) enfraquecimento das capacidades intelectuais.

Depois de termos gerado uma primeira lista de códigos, num total de 359, passámos para o processo de auditoria. A auditoria permitiu melhorar alguns códigos que não estavam devidamente formulados, como por exemplo a resposta “o mau momento que paralisou todo mundo por um longo período de tempo (P12, M, entre 31 e 35 anos)” foi inicialmente codificada da seguinte maneira: O mau momento que paralisou o mundo inteiro por um longo período. Este código, após a auditoria, foi reformulado, dividindo-se em dois códigos: a) momento mau; b) o mundo paralisou por longo período. Com as alterações resultantes da auditoria, verificou-se um aumento de códigos para 371.

O processo de refinamento foi feito no contexto de uma reunião entre o primeiro autor e a segunda autora, onde foram discutidas as descrições dos códigos iniciais e as divergências sobre eles. Verificámos que alguns códigos não eram claros ou pareciam não representar adequadamente as unidades de análise (respostas dos estudantes). Assim, os códigos finais foram ajustados e definidos consensualmente. Por exemplo a unidade de análise “o convívio com a família em casa, P57, M, entre 17 e 25 anos” (em resposta à quarta questão), inicialmente, foi codificada da seguinte maneira: “o convívio com a família em casa”. Este código não nos pareceu ajustado por repetir exatamente o texto da resposta e por não ser potencialmente transversal à resposta de outros estudantes. Na recodificação este código foi consensualmente refinado para o seguinte código: “o apoio familiar”.

Verificada a codificação, passámos para a elaboração dos temas gerais provisórios. Nesta terceira etapa, os códigos foram reunidos e comparados entre si tendo em conta o âmbito do estudo e independentemente da questão de origem dos códigos. Com base em semelhanças identificadas entre os códigos, explicitadas nas categorias desenvolvidas de nível superior, criámos temas iniciais. Neste processo de elaboração de temas, identificámos temas de níveis distintos, sendo possível mapear temas gerais e subtemas mais específicos.

A saturação da análise de dados foi identificada através da revisão das respostas dos participantes, anotando as repetições de códigos ou códigos muito similares até não ser possível encontrar novos códigos. Os códigos repetidos ou similares ficaram agrupados mediante as suas semelhanças, contribuindo para a formação de subtemas. Por exemplo o subtema “perda académica” inclui códigos como: “menos estudo, capacidades enfraquecidas, menor ritmo de formação”. A apresentação dos dados em uma folha de excel permitiu a identificação da regularidade dos códigos nas descrições dos participantes. A saturação da análise dos nossos dados ficou verificada na fase da recodificação, quando não foi possível encontrar novos elementos que pudessem representar um determinado tema.

RESULTADOS

Os resultados que apresentamos de seguida estão organizados por temas e respetivos subtemas. Começamos por descrever os temas centrais e, posteriormente, especificamos cada tema com base nos seus subtemas. Ao longo do texto incluímos códigos dos participantes, referindo P (número do participante) H ou M (para referir o género) e o intervalo etário. No fim desta secção, apresentamos uma tabela que pretende mapear a prevalência de cada tema e subtema no grupo de participantes em geral e nos dois subgrupos, definidos em função do género.

Tema 1: Experiência académica difícil, de perda e de ameaça

Este tema engloba cinco subtemas que descrevem a perceção dos estudantes sobre a sua experiência académica durante o período em que as aulas foram suspensas como medida de contenção da propagação da Covid-19. Na sua globalidade este tema relaciona-se com experiências percebidas de dificuldade, de perda e de ameaça às vivências académicas, agregando 5 subtemas específicos. A seguir, descrevemos os diferentes subtemas e ilustramo-los com mais detalhes:

A Experiência negativa e difícil, foi descrita pelos estudantes que consideraram o período de confinamento como complicado, mau, muito difícil, horrível, péssimo, cansativo, aborrecido. Vários estudantes, homens ou mulheres, referiram esta experiência negativa e difícil, afirmando-a sem nenhuma explicação ou relacionando-a com experiência de perda académica. Por exemplo, uma aluna descreveu experiência negativa da seguinte forma: “horrível” (P6, M, entre 17 e 25 anos), enquanto uma outra estudante referiu: “É uma fase bem difícil para mim, até porque estava bem entusiasmada pra fazer o primeiro ano, (...) está muito difícil mesmo” (P21, M, entre 17 e 25 anos). No mesmo sentido outro participante referiu: “A minha vida académica nesta fase de pandemia está meio difícil isto porque todas as minhas expectativas traçadas não se vão cumprir (...)” (P27, H, entre 17 e 25 anos).

A Perda académica foi uma experiência descrita por quase metade dos estudantes, sendo que a maioria das estudantes refere este sentido de perda académica. Esta experiência refere-se à impossibilidade de avançar e cumprir expectativas académicas e sonhos pessoais, à conseqüente perda de

motivação para realizar tarefas académicas e percepção de perda de capacidades intelectuais. Por exemplo, uma estudante afirmou: “Adormecida, quase que completamente parada (...), não há tanta motivação” (P47, M, entre 17 e 25 anos). Uma outra descreveu a perda académica da seguinte forma: “Ver meu sonho de 2020 frustrado” (P43, M, entre 26 e 30 anos). Um outro estudante afirmou o seguinte: “Durante esta fase o meu nível de assimilação baixou consideravelmente” (P7, H, entre 17 e 25 anos).

A Alteração negativa nas rotinas de estudo foi mencionada por alguns estudantes, quer sejam homens ou mulheres, que perceberam suas rotinas de estudo interrompidas devido ao confinamento, criando uma vida mais sedentária, com ausência de algumas atividades académicas e de estudo em grupo. Por exemplo, um estudante referiu: “acordar e não fazer coisa de especial, como ir à escola, a biblioteca, mediateca, encontro com amigos e grupo de estudo” (P22, H, entre 26 e 30 anos). Outro estudante referiu: “Ficar sem fazer nada, o que me tem estado a cansar demais” (P27, H, entre 17 e 25 anos). Uma das estudantes referiu: “está tudo parado, ficámos sem aulas e muitas outras coisas” (P10, M, entre 17 e 25 anos). Um outro estudante referiu: “ter de ouvir a professora a explicar o conteúdo de informática na rede social, sem poder ter a possibilidade de colocar as dúvidas e ser respondido na hora” (P11, H, entre 26 e 30 anos).

A Ameaça à sustentabilidade da formação foi descrita por alguns estudantes com estatuto de estudante trabalhador ou cujos pais dependem do trabalho nos mercados informais. Um desses estudantes descreveu esta experiência da seguinte forma: “Com o confinamento e a redução dos dias de venda nos mercados informais (...), as fontes de rendimento baixaram consideravelmente, afetando assim a sustentabilidade da minha formação” (P50, H, entre 41 e 45 anos). Um outro exemplo de um participante respondendo a terceira questão, descreve o seguinte: “O que tem sido mais difícil é ver minha mãe de quem dependo a ficar sem fazer nada, porque não pode ir vender todos os dias. Estou com medo quando as aulas retomarem não terei como pagar as propinas, porque estudo no período pós-laboral” (P12, M, entre 17 e 25 anos).

A Experiência académica, sobretudo difícil, de perda e de ameaça, foi referida por alguns estudantes homens, que sublinharam a progressiva acomodação à situação ou a classificaram como boa ou razoável, sem nenhuma explicação. Por exemplo um dos estudantes referiu: “no princípio, foi terrível, cansativo, mas com o passar do tempo, conseguimos nos acostumar com a situação” (P52, H, entre 17 e 25 anos), um outro estudante referiu apenas “boa” (P38, H, entre 26 e 30 anos).

Tema 2: Preocupações e dificuldades específicas, para além da vida académica

O segundo tema agrega cinco subtemas relacionados com as preocupações que os estudantes manifestaram, relacionadas com o incómodo no cumprimento das medidas de proteção e que estão para além da vida académica em si, como sejam o medo de ser infetado, e o envolvimento inevitável em comportamento de risco para, por exemplo, ter acesso a bens essenciais.

O Incómodo no cumprimento das medidas de proteção foi mencionado pela maioria dos estudantes para descrever as suas dificuldades durante o cumprimento das medidas de proteção individual e coletiva, seja com o uso das máscaras seja com a obrigatoriedade de ficar em casa. Por exemplo, vários estudantes referiram “usar a máscara” (P30, M, entre 17 e 25 anos, P41, H, entre 26 e 30 anos, P57, H, entre 26 e 30 anos), em resposta à segunda questão: Se escolhesse a situação mais complicada com que teve de lidar, qual seria? Bastantes estudantes referiram o incómodo com ficar em casa. Por exemplo, um dos estudantes afirmou: “Ficar em casa, que nem sair até ao portão admitem (...), é muito chato” (P50, H, entre 41 e 45 anos). A propósito da situação considerada mais complicada, uma das estudantes referiu: “não sair de casa” (P7, M, entre 26 e 30 anos).

O Medo de ser infetado por insegurança no contacto com outros foi mencionado por alguns estudantes que manifestaram receio de ser infetados em situações que exigiam a saída de casa, o contacto com outras pessoas ou que testemunhavam ou sentiam sintomas similares aos da Covid-19. A propósito do que foi percebido como mais difícil, uma das estudantes referiu: “Sair para procurar comida no meio de pessoas que não sei se estão infetadas ou não” (P18, M, entre 26 e 30 anos). Um outro estudante afirmou: “Sair de casa com preocupação de não saber com quem vais cruzar” (P24, H, entre 31 e 35 anos). A propósito da confusão com sintomas associados a Covid-19, um estudante referiu: “A situação mais complicada (...) foi pegar uma gripe normal e imaginar que estivesse infetado pela covid-19, (...)” (P13, H, entre 17 e 25 anos).

A Inevitabilidade do comportamento de risco trata-se das experiências e comportamentos referidos por alguns estudantes como sendo necessários para satisfazer as necessidades pessoais fora do local de confinamento, como, por exemplo, entrar em locais com muito público, andar de táxi, enfrentar as multidões no banco, obter bens essenciais. Estes comportamentos associados ao contacto com pessoas que não cumpriam as medidas de proteção, como o uso de máscara facial e desinfeção das mãos com álcool gel, foram percebidos com potencial de risco para a infeção. Por exemplo, uma estudante descreveu esta situação da seguinte maneira: “Ter que sair de casa, tendo cerca sanitária em toda a cidade, mas a

circunstância exigia-o para procurar comida” (P35, M, entre 31 e 35 anos). Um outro estudante descreveu o seguinte: “entrar em locais com muita gente, em táxis principalmente” (P54, H, entre 17 e 25 anos).

O Sentir-se limitado na demonstração do afeto e isolamento social refere-se à experiência de ficar em casa sem oportunidade de convívio com os familiares e / ou amigos e sem poder demonstrar e expressar afeto. Este subtema foi mais relatado por alguns estudantes com maior incidência e detalhe nas respostas das estudantes. Por exemplo, uma estudante descreveu este distanciamento social da seguinte maneira: “não poder estar constantemente com as pessoas que eu amo, ter um convívio normal, poder abraçar sem receio (...)” (P47, M, entre 17 e 25). Uma outra estudante refere: “Saber de pessoas conhecidas morrendo de covid-19, não podendo acompanhar até a última morada” (P35, M, entre 31 e 35 anos). Um dos estudantes referiu como difícil: “a restrição de me dar com amigos e o isolamento social” (P58, H, entre 17 e 25 anos).

Tema 3: Recursos para enfrentar o período de confinamento

Apesar das dificuldades experienciadas, quer no contexto académico, quer na vida em geral, os estudantes identificaram recursos úteis para lidar com essas experiências e com a ameaça e vulnerabilidade percebida. Cinco subtemas detalham os recursos identificados: suporte familiar e social, meditar / orar / fé, competências pessoais, manter a ocupação (seja com entretenimento e redes sociais, com trabalho, com atividades intelectuais) e tomada de consciência e reflexão sobre a experiência.

O Suporte familiar e social foi referido por bastantes estudantes, em especial pelas mulheres, para mencionar o que ajudou a enfrentar os efeitos do confinamento. Geralmente foi descrito com referência aos diálogos mantidos entre os membros da mesma família e telefonemas recebidos de outras pessoas, que ajudaram a manter a esperança, o contato social e um nível de ocupação saudável. Por exemplo, uma estudante descreveu esse recurso da seguinte forma: “(...) diálogo com diferentes tipos de pessoas” (P60, M, entre 17 e 25 anos). Uma outra estudante referiu o seguinte: “(...), ter as pessoas que amo do meu lado, (...)” (P6, M, entre 17 e 25 anos). Um outro estudante descreveu o seguinte: O que me tem ajudado a lidar com as dificuldades é o tempo que eu tenho tido para conversar e estar mais em contacto com a minha família” (P45, H, entre 17 e 25 anos).

Meditar / orar / fé é um subtema que se refere a estratégias pessoais para enfrentar as experiências durante o estado de confinamento físico e social. Este subtema, mencionado por bastantes estudantes, principalmente pelas mulheres, inclui referências à meditação da Bíblia, à oração, à confiança em Deus e à esperança do retorno à vida normal. A este propósito, uma estudante afirmou o seguinte: “primeiro coloco tudo em oração, a oração é o refúgio para tudo que tem acontecido, porque eu realmente creio que vamos ultrapassar tais dificuldades e as coisas poderão melhorar” (P53, M, entre 17 e 25 anos). Um outro estudante mencionou o seguinte a propósito do que o ajudava a lidar com as dificuldades: “Pensar positivo, a leitura de algumas passagens bíblicas e em tudo ser resiliente” (P41, H, entre 26 e 30 anos).

O subtema das Competências pessoais inclui relatos de alguns estudantes, principalmente homens, que se referiram pensar positivo e com otimismo sobre o confinamento, que reconheceram a sua resiliência, que manifestaram autoconfiança, esperança, foco nas soluções e em manter a calma. Por exemplo, um estudante descreveu da seguinte maneira este recurso: “pensar positivo (...) e em tudo ser resiliente” (P41, H, entre 26 e 30 anos). Outro estudante em resposta à quarta questão descreveu o seguinte: (...) “procurar estar o mais calmo possível para assim me concentrar em soluções” (P3, H, entre 17 e 25 anos).

Manter a ocupação inclui referência à utilidade de diferentes tipos de ocupações, seja em atividades de entretenimento e redes sociais (assistir a programas da televisão, descontrair-se com algumas atividades lúdicas, ouvir música, ligação a redes sociais), seja com atividades de trabalho, seja a ocupação em atividades intelectuais como a leitura (materiais académicos ou outros). Este foi um recurso que, na sua globalidade, foi referido por bastantes estudantes, embora mais homens tenham referido as atividades intelectuais e mais mulheres tenham mencionado atividades de entretenimento e redes sociais. Por exemplo, um estudante ao explicar o que o ajudou a enfrentar o confinamento, referiu o seguinte: “leitura, música, internet, TV, cursos e trocar assuntos com os próximos” (P51, H, entre 17 e 25 anos). Um outro estudante referiu: “ler livros técnicos, literatura” (P50, H, entre 26 e 30 anos) e uma das estudantes referiu: “leitura da Bíblia, entretenimento, conversas jogos caseiros e o trabalho” (P6, M, entre 17 e 25 anos).

O subtema de Tomada de consciência e reflexão sobre a experiência emergiu nos relatos de alguns estudantes que se referiram à experiência durante o confinamento como um momento de reflexão e de aprendizagem pessoal, conciliando uma perceção de dificuldade com aprendizagem, consciência de vulnerabilidade e igualdade da natureza humana, independente de estatutos sociais. Por exemplo, um estudante ao responder à quinta questão descreveu da seguinte forma: “nesta fase eu pude aprender que ficar em casa não é um castigo, mas uma forma de vermos quem somos e o que queremos da nossa vida, pois este é um momento de reflexão” (P4, H, entre 17 e 25 anos). No mesmo sentido, uma estudante referiu: “Foi uma fase difícil, porém construtiva” (P5, M, entre 17 e 25 anos). Um outro estudante, referiu: “No

período de Covid-19, percebi que ninguém se salvaria sozinho, (...) É necessário que todos cumpram com as medidas orientadas pelo Ministério da Saúde” (P36, H, entre 36 e 40 anos).

Em suma, os três temas principais representam as nossas interpretações baseadas nas descrições e reflexões que os estudantes fizeram sobre as suas experiências de vida académica durante o período de confinamento por causa da Covid-19. A Tabela 1 apresenta um mapeamento dos temas e subtemas que emergiram no grupo global de participantes e nos subgrupos considerados em função do género.

Tabela 1. Temas e subtemas que organizam a experiência dos estudantes em tempo de pandemia.

Temas	Subtemas
Tema 1: <i>Experiência académica difícil, de perda e de ameaça</i>	Experiência negativa e difícil Perda académica Alteração negativa nas rotinas Ameaça à sustentabilidade da formação Experiência académica, sobretudo difícil, de perda e de ameaça
Tema 2: <i>Preocupações e dificuldades específicas</i>	O cumprimento das medidas de proteção Medo de ser infetado Inevitabilidade de comportamentos de risco Sentir-se limitado na demonstração do afeto e isolamento social
Tema 3: <i>Recursos para enfrentar o período de confinamento</i>	Suporte familiar e social Meditar / orar / fé Competências pessoais Manter ocupação Tomada de consciência e reflexão sobre a experiência Entretenimento ou redes sociais Com trabalho Com atividades intelectuais

DISCUSSÃO

A pandemia Covid-19 afetou todas as esferas da vida humana, motivando os investigadores de vários países a interessarem-se e a pesquisarem sobre esta temática. Enquadrado na linha de investigação orientada para a compreensão do impacto da pandemia nas experiências dos estudantes do ES, o nosso estudo procurou contribuir para o conhecimento sobre o impacto e da natureza das experiências que a pandemia gerou na vida dos estudantes do ES. Em particular, este estudo procurou compreender as experiências e perceções dos estudantes sobre as mesmas, contextualizando-as na realidade cultural de Angola. O presente estudo permitiu identificar três temas gerais sobre o impacto e experiência da pandemia Covid-19, considerando a perspetiva dos alunos - Experiência académica difícil, de perda e de ameaça, preocupações e dificuldades específicas para além da vida académica e recursos para enfrentar o período de confinamento – cada um com subtemas mais específicos.

Relativamente ao primeiro tema sobre a natureza da experiência académica, um dos resultados que nos parece interessante é o que se refere ao facto de muitos os estudantes, homens e mulheres, terem referido a perceção de estagnação e perda da sua vida académica. Parece claro que os/as estudantes perceberam o seu projeto profissional ameaçado, quer pela perda na rentabilidade do estudo, quer pela ameaça à sustentabilidade da sua permanência no percurso académico. Com base nos relatos dos participantes do estudo, este sentido de ameaça parece ter sido mais presente nas experiências das mulheres. Estes resultados assemelham-se aos encontrados nos estudos realizados por Iorios et al. (2020) e por Sunde et al. (2022). Estes estudos, realizados em Portugal, avaliaram o impacto da Covid-19 em estudantes internacionais no ES e efeitos da pandemia Covid-19 na saúde mental dos universitários oriundos de Moçambique, respetivamente. Os resultados destes dois estudos mostraram que os estudantes receavam ter de interromper os estudos na Universidade, devido ao cancelamento de bolsas de estudo, para uns, e à perda de emprego remunerado, para outros. Em comum com os estudantes internacionais dos estudos referidos, os estudantes do nosso estudo partilharam a experiência de incerteza em relação ao futuro da sua vida académica e a ameaça à satisfação das suas expectativas académicas e sonhos pessoais.

No nosso estudo, para além da ameaça à sustentabilidade da sua formação relatada por alguns participantes, já referida acima, a perceção de perda académica esteve frequentemente associada a experiência negativa ou difícil, sugerindo que a estagnação e perda da vida académica, constitui motivo de um sofrimento psicológico para os estudantes, quer sejam homens ou mulheres. O relato de alguns

participantes sugere que estes perceberam a sustentabilidade da sua vida académica dependente de outros significativos ou de serviços informais. Muitos desses serviços informais também ficaram encerrados durante a pandemia Covid-19 e, por conseguinte, o corte dos salários ou de rendimentos económicos dos próprios ou dos encarregados de educação podem ter constituído uma ameaça real. A perda de salários ou rendimentos económicos parece ter sido percebida como uma ameaça à possibilidade de pagamento de propinas, o que pode ter contribuído para aumentar a preocupação dos estudantes sobre o futuro da sua vida académica. Neste sentido, os estudantes economicamente instáveis estavam em alto risco de sofrer múltiplas consequências negativas da pandemia Covid-19. Estes resultados são coerentes com os encontrados nos estudos de Ferrinho (2020), Rosa et al. (2021) e Iorio et al. (2020), em que os estudantes com rendimento económico instável receavam perder a estabilidade da vida laboral, com consequências nefastas na sua vida académica.

Os resultados do nosso estudo sugerem que, durante o período de confinamento por Covid-19, os estudantes angolanos viveram preocupações e dificuldades específicas, que não estando, necessariamente, diretamente ligadas à vida académica, podem ter tido impacto nesta área da sua vida. Por exemplo, as preocupações e dificuldades com o cumprimento das medidas de proteção, o medo de ser infetado e o isolamento social foram bastante referidos, sendo compreensível que, quer nos estudantes mais jovens quer nos mais velhos, estas dificuldades tenham interferido nas rotinas académicas, mesmo quando realizadas à distância. Embora o medo de ser infetado possa ser uma experiência comum a toda a população, pois todos estão sob o mesmo risco, no caso dos estudantes, este medo pode ter repercussões acrescidas na vida académica. Por exemplo, as medidas de proteção e prevenção da infeção criaram restrições na partilha de meios de estudo e objetos, como o caso de livros e computadores. No entanto, no nosso estudo, para além das preocupações específicas ligadas às rotinas académicas, principalmente as estudantes mulheres incluíram nas suas preocupações as limitações na demonstração do afeto e o seu impacto negativo no seu bem-estar. Este resultado é congruente com os resultados da pesquisa de Barros et al. (2021), sobre os impactos da pandemia Covid-19 na saúde mental dos estudantes. De acordo com estes autores as preocupações relacionadas com a vida pessoal, familiar e social, a proteção da saúde física e a manifestação dos afetos parecem ser as mais relevantes para os estudantes.

Apesar das implicações negativas do confinamento em termos académicos e em termos pessoais, é interessante notar que os estudantes do nosso estudo referiam recursos para enfrentar o próprio período de confinamento. A ocupação com leituras e entretenimento, por exemplo, parece ter funcionado como um recurso importante para enfrentar as experiências negativas e difíceis motivadas pela pandemia e confinamento. Por outro lado, atividades de natureza espiritual e religiosa (meditação, oração e fé) foram bastante valorizadas pelos estudantes, sobretudo pelas mulheres. Considerando a cultura angolana, este recurso espiritual é compreensível. Algumas das unidades de análise incluíam quer a ideia da leitura, quer da fé e da oração, fazendo referência à leitura da Bíblia. Com base no nosso conhecimento experiencial da cultura angolana, em particular na zona do Huambo, podemos afirmar que é frequente os angolanos recorrerem a passagens da Bíblia para se confortarem e assegurarem esperança em relação ao futuro. Segundo estudos de Martins et al. (2024), a prática de atividades religiosas pode estar relacionada com fatores protetores para problemas emocionais resultantes da pandemia Covid-19, para os estudantes do ES de forma particular, e de forma geral para a população geral.

Esta relação entre espiritualidade e resiliência tem sido relatada em outros estudos. Os estudos feitos por Martins et al. (2024) e Morato et al. (2023), com estudantes do ES do Brasil, sobre o impacto da pandemia Covid-19 na saúde mental dos estudantes, mostraram uma correlação positiva entre a resiliência e a espiritualidade. Os mesmos autores sugeriram que a religião pode ser uma ferramenta valiosa na promoção da saúde mental em tempos desafiadores.

Além da relevância das leituras de natureza espiritual, os resultados do nosso estudo sugerem a importância da leitura como uma atividade que mantém a motivação intelectual, sendo este recurso principalmente enfatizado pelos estudantes homens. Outros estudos têm mostrado a importância da atividade de leitura durante a pandemia Covid-19 para obtenção de conhecimentos (e.g., Damasceno et al., 2022). De acordo com Oliveira (2021) a atividade de leitura auxilia na gestão/regulação das emoções e dos sentimentos dos sujeitos quando estes estão em fase negativa e com atitudes pessimistas, permitindo vencer as inquietações.

Apesar do grande mal que a pandemia pode ter causado, os estudantes participantes no nosso estudo perceberam que é possível reunir recursos para enfrentar a incerteza, a apatia e a angústia face ao futuro. Os recursos encontrados, em nosso entender, podem funcionar como fatores protetores e prevenir dificuldades e perturbações emocionais, como o caso da ansiedade e depressão, conforme estudos de Irawan et al. (2020).

Os resultados do presente estudo sugerem que o impacto da pandemia Covid-19 em estudantes angolanos que participaram e partilharam a sua experiência é semelhante ao relatado em outros estudos

realizados no âmbito da mesma temática. Durante a pandemia Covid-19, os estudantes viveram experiências difíceis e prejudiciais aos seus projetos académicos. No entanto, é importante notar, também, a sua capacidade para mobilizar recursos e ativar processos promotores de resiliência. Neste contexto, salientamos que o nosso estudo permitiu identificar alguns destes recursos compreensíveis à luz das dimensões contextuais que caracterizam o povo angolano. Por exemplo, a ênfase no recurso de natureza espiritual e religiosa é coerente com o conhecimento cultural referido anteriormente. De acordo com o censo populacional de 2014, cerca de 87,7% da população angolana professa a religião. É frequente observar jovens estudantes universitários a praticarem atividades religiosas, pertencerem a grupos de jovens religiosos, o que pode ajudar a compreender os resultados do presente estudo, que parecem mais reveladores de comportamentos e estratégias de coping mais adaptativo do que os encontrados em outros países africanos. Por exemplo, o estudo realizado na África do Sul mostrou que os estudantes universitários recorreram a estratégias menos adaptativas para enfrentar a pandemia Covid-19, como o consumo exagerado de bebidas alcoólicas (Coetzee et al., 2024). Compreendemos que à luz da cultura angolana, o consumo de bebidas alcoólicas em exagero contrasta com os princípios religiosos muito enraizados.

Em suma, a compreensão contextualizada culturalmente das experiências e dos recursos em fase de pandemia, dos estudantes angolanos, é particularmente importante para o planeamento de intervenções suportadas pela consciência e competência cultural dos agentes responsáveis pela educação, bem-estar e saúde mental dos estudantes angolanos.

Limitações do presente estudo

Os resultados do presente trabalho podem apresentar limitações tendo em conta o instrumento utilizado para a recolha de dados (questionário em vez da entrevista). A entrevista seria um instrumento mais adequado para a obtenção de informações mais aprofundadas e detalhadas, favorecendo a compreensão de alguns significados e relações entre códigos, que o questionário não permitiu obter. O acesso à internet constituiu outra limitação, considerando que só os alunos com acesso a internet puderam responder ao questionário enviado. Logo, este estudo não relata a perspetiva de estudantes menos favorecidos do ponto de vista socioeconómico, que, por seu lado, podem sofrer um impacto ainda mais negativo ou diferente da pandemia.

Conclusões e implicações do estudo

O presente estudo permitiu caracterizar as experiências de estudantes angolanos durante a pandemia Covid-19 e conseqüente confinamento físico e social. No entanto, não se sabe a forma como esta experiência irá repercutir-se na saúde mental dos estudantes e no seu desempenho académico a curto ou a longo prazo. Tendo em conta a associação entre a saúde mental prejudicada e experiências similares relatadas em outros estudos, consideramos que a instituição onde foi feita a investigação, deve implementar programas de acompanhamento clínico e pedagógico que possam monitorizar o comportamento dos estudantes e que possam promover o bem-estar e a resiliências dos mesmos, as suas competências sociais e emocionais bem como estratégias de remediação para episódios potencialmente traumáticos decorrentes da pandemia Covid-19, conforme sugere Maia e Dias (2020). Embora sejam claros os efeitos negativos da pandemia, quer o nosso estudo quer outros estudos relatados na literatura (e.g., Barros et al., 2021; Oliveira et al., 2022;) sinalizam algumas experiências positivas associadas a fatores protetores ou recursos dos estudantes, que importa considerar, numa perspetiva mais otimista e tomar como referência para a elaboração de programas focados no bem-estar dos estudantes e na expansão dos recursos considerados por eles como significativos. Nesse sentido, será desejável a realização de estudos de aprofundamento e extensão do presente estudo, seja com outras populações, de outras regiões de Angola, seja com outras metodologias.

REFERÊNCIAS

- Al-Tammemi, A. B., Akour, A., & Alfalah, L. (2020). Is it Just About Physical Health? An Online Cross-Sectional Study Exploring the Psychological Distress Among University Students in Jordan in the midst of Covid-19 Pandemic. *Frontiers in Psychology*, *V. 11*, pp. 1-11. <https://doi.org/10.1101/2020.05.14.20102343>.
- Aristovnik, A., Kerzic, D., Ravselj, D., Tomazevic, N., & Umek, L. (2020). Impacts of the Covid-19 pandemic on life of higher education students: a global perspective. *Preprint Platform*, *V.12*. pp. 1-34. <https://doi.org/10.20944/preprints202008.0246.v1>
- Bantjes, J. (2024). Global knowledge-power asymmetries and student mental health in sub-Saharan Africa: A case study from South Africa. *Journal of International Students*, *14(2)* pp. 136-149. <https://doi.org/10.32674/jis.v14i2.6390>

- Barros, G. M., Valério, F. C., Silva, M. H., Pecorelli, D. G., Porto, V. U., & Silva, L. D. (2021). Os impactos da Pandemia do COVID-19 na saúde mental dos estudantes. *Research, Society and Development*, 10(9). pp. 1-7. <http://doi.org/10.33448/rsd-v10i9.18307>
- Boio, D., Pacatolo, C. Mbangula, K., (2020). Estudo de avaliação dos impactos socio- económicos das medidas do executivo angolano para o combate à Covid19. *Ovilongua Consulting*, pp. 1-19. <https://doi.org/10.13140/RG.2.2.27227.72485>
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology. University of the West England*, 3(2). pp. 77-101. <http://doi.org/10.1191/1478088706qp0630a>
- Coetzee, B., Booyesen, D. D., Padmanabhanunni, A., & Kagee, A. (2024). Demographic correlates of indices of psychological well-being and Covid-19 related distress among South African university students. *International Journal Of Mental Health*, 52(2), pp. 192-211. <https://doi.org/10.1080/00207411.2024.2324403>
- Damasceno, M. S., Valério, C. L., & Magalhães, E. D. (2022). Leitura em meio à pandemia da Covid-19: o que os estudantes estão lendo durante o isolamento social. *Revista panorâmica online*, V.35, pp. 118-133. <https://periodicoscientificos.ufmt.br/revistapanoramica/index.php/revistapanoramica/article/view/1477>
- Duffy, M. E., Twenge, J. M., & Joiner, T. E. (2019). Trends in Mood and Anxiety Symptoms and Suicide-Related Outcomes Among U.S. Undergraduates, 2007e2018: Evidence From Two National Surveys. *Journal of Adolescent Health*, 65, pp. 590-598. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2019.04.033>
- Ferreira, R. J., Fred, B., & Cannon, C. (2020). Covid-19: Immediate Predictors of Individual Resilience. *Sustainability*, 12(16). pp. 1-11. <https://doi.org/10.3390/su12166495>
- Ferrinho, P. (2020). Impacto da pandemia de Covid-19 na vida dos estudantes da NOVA-IHMT. *Instituto de Higiene e Medicina Tropical*, V.19, pp 50-54. <https://doi.org/10.25761/anaisihmt.355>
- Gundim, V. A., Encarnação, J. P., Flávia, C. S., Santos, J. E., Vasconcellos, E. A., & Souza, R. C. (2021). Saúde mental de estudantes universitários durante a pandemia de Covid-19. *Revista Baiana Enfermagem*35. pp. 1-14. <https://doi.org/10.18471/rbe.v35.37293>
- Hamlim, A. R., & Berney, S. T. (2022). The Impact of Covid-19 on U.S. College Students, and How Educators Should Respond. *Research in Higher Education*, 42, pp. 1-16. <https://eric.ed.gov/?id=EJ1347721>
- Ihm, L., Zhang, H., Vijfeijken, A. V., & Waugh, M. G. (2021). Impacts of the Covid-19 pandemic on the health of university students. *The international journal of the health planning and management*, 36(3). pp. 219-627. <https://doi.org/10.1002/hpm.3145>
- Iorio, J. C., Silva, A. V., & Fonseca, M. L. (2020). O impacto da Covid-19 nos e nas estudantes internacionais no Ensino Superior em Portugal: uma análise preliminar. *Centro de estudos geográfico*, 55(115), pp. 153-161. <https://doi.org/10.18055/Finis20285>
- Irawan, A. W., Dwisona, D., & Lestari, M. (2020). Psychological impacts of students on online learning during the pandemic Covid-19. *Journal Content*, 7(1). pp. 53-60. <https://doi.org/10.24042/kons.v7i1.6389>
- Jornal de Angola (2020). Últimas notícias. URL <https://angola24horas.com/>
- Li, H. Y., Cao, H., Leung, D. Y., & Mak, Y. W. (2020). The Psychological Impacts of a COVID-19 Outbreak on College Students in China: A Longitudinal Study. *International journal of environmental research and public health*, 17(11). pp. 1-11. <https://doi.org/10.3390/ijerph17113933>
- Longuenda, D. M. (2014). As crenças sobre a doença e adesão ao tratamento em doentes angolanos com malária. [Dissertação de Mestrado]. Repositório Institucional da Universidade de Coimbra.
- Maia, B. R., & Dias, P. C. (2020). Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto da Covid-19. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 37, e200067. pp. 1-8. <http://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200067>
- Martins, F. I. S., Franco, A. L. C., Martins, J. A. A., Felipe, G. F., & Morais, J. D. (2024). Impacto psicossocial da pandemia da covid-19 em estudantes do ensino superior. *Boca Boletim de Conjuntura*, 18(52). <https://doi.org/10.5281/zenodo.11003207>
- Morales, V. J., & Lopez, Y. A. (2020). Impactos da Pandemia na Vida Académica dos Estudantes Universitários. *Revista angolana de extensão universitária*, 2(2), pp. 53-67. obtido de <https://www.portalpensador.com/index.php/RAEU-BENGO/article/view/205>
- Morato, A. E. P., Hostácio, S. F. S., Moura, T. P., Castro, J. P. G. B., Pexoto, J. M., & Moura, E. P. (2023). Resiliência e espiritualidade de estudantes de Medicina durante isolamento social devido à pandemia da Covid-19. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 47(4), pp.1-13. <https://doi.org/10.1590/1981-5271v47.4-2022-0300>

- Ochnik, D., Rogowska, A. M., Kuśnierz, C., Jakubiak, M., Schütz, A., Held, M. J., . . . , Cuero-Acosta, Y. A. (2021). Mental health prevalence and predictors among university students in nine countries during the Covid-19 pandemic: a cross-national study. *Scientific reports*, V.11. pp 1-13. <https://doi.org/10.1038/s41598-021-97697-3>
- Oliveira, E. N., Vasconcelos, M. I., Almeida, P. C., Pereira, P. J., Linhares, M. S., Neto, F. R., & Aragão, J. M. (2022). Covid-19: repercussões na saúde mental de estudantes do Ensino Superior. *Saúde debate*, 46(1), pp. 206-220. <https://doi.org/10.1590/0103-11042022E114P>
- Pereira, M. D., Oliveira, L. C., Costa, C. F. T., Bezerra, C. M. O., Pereira, M. D., Santos, P. K. A., & Danta, E. H. M. (2020). A pandemia de Covid-19, o isolamento social, consequências na saúde mental e estratégias de enfrentamento: uma revisão integrativa. *Research, Society and Development*, 9(7), pp. 1-31. <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i7.4548>
- Phiriepa, A., Mapaling, C., Matlakala, F., & Tzabedze (2023). COVID-19 and Online Learning: A Scoping Review of the Challenges faced by Students in Higher Institutions during Lockdown. *Journal of Social Sciences & Humanities*, 20(4), pp. 268-281. <https://doi.org/10.17576/ebangi.2023.2004.23>
- Pieh, C., O'Rourke, T., Budimir, S., & Probst, T. (2020). Relationship quality and mental health during Covid-19 lockdown. *Plos one*, 15(9). pp. 1-10. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0238906>
- Ramos, N. (2007). Comunicação interculturalidade nos cuidados da saúde. *Psychologica*, 45 pp. 147-169.
- Ribeiro, E., Ferreira, Â., Cardoso, C., Queiroz, R., & Silva, V. (2021). Face-to-face clinical practice under Covid-19 pandemic: How psychotherapists describe their experiences. *Frontiers in psychology*, V.12. pp. 1-14. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.726439>
- Ribeiro, E., Pereira, A. R., Gonçalves, M. M., & Sampaio, A. (2020). Impacto psicológico da pandemia em estudantes universitários e a Linha de Apoio Psicológico SOS Covid-19. [APsi-UMinho], pp. 25-40. <https://doi.org/10.21814/uminho.ed.24.2>
- Ribeiro, E., Sampaio, A., Gonçalves, M. M., Taveira, M. C., Cunha, J., Maia, Â., Matos, M., Gonçalves, S., Figueiredo, B., Freire, T., & Soares, T. (2021). Telephone-based psychological crisis intervention: The Portuguese experience with Covid-19. *Counselling Psychology Quarterly*, 34(3-4). pp. 432-446. <https://doi.org/10.1080/09515070.2020.1772200>
- Rosa, C. D., Santos, F. F., & Gonçalves, A. M. (2021). Os efeitos da pandemia da Covid-19 na permanência na educação superior. O cenário de uma universidade federal brasileira. *Revista iberoamericana de educación*, 86(1), pp. 61-76. <https://doi.org/10.35362/rie8624409>
- Silva, E. A., & Carvalho, M. J. (2009). Educação em angola e (des)igualdades de género: quando a tradição cultural é fator de exclusão. *Repositório da Universidade do Minho*. pp. 2401-2416. <https://hdl.handle.net/1822/16492>
- Sunde, R. M., Giquira, S., & Aussene, M. M. (2022). Efeitos da Pandemia da Covid-19 na saúde mental dos universitários: caso de estudantes da Universidade Ruvuma, Moçambique. *Cadernos Ibero-Americanos de Direito Sanitário, Brasília*, 11(2), pp. (2), <https://doi.org/10.17566/ciads.v11i2.869>
- Ventura, M. M. F., & Araújo, S. (2022). Covid-19 – Um estudo comparativo entre o comportamento dos estudantes universitários e dos profissionais de saúde no início da pandemia. *RILP – Revista Internacional em Língua Portuguesa*, 41, pp. 101-123. DOI: <https://doi.org/10.31492/2184-2043.RILP2022.41/pp.101-123>

CRedit DECLARAÇÃO DE CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Alcino Miguel: conceptualização, recolha, armazenamento, organização e análise formal dos dados, redação e revisão da escrita do artigo. **Eugénia Ribeiro:** conceptualização, planificação do estudo, revisão da análise de dados e revisão da escrita do artigo.

Histórico do manuscrito

Recebido	06/02/2024
Aceite	05/02/2025
Publicado (online)	-
Publicado	04/07/2025